



## **A MULHER INANIMADA: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO COMPORTAMENTO FEMININO NAS REVISTAS DOS X-MEN**

Yasmim Fernanda de Lima Holanda <sup>1</sup>

Daniel Camurça Correia <sup>2</sup>

Alan Araújo Duarte <sup>3</sup>

<sup>1</sup> *Universidade de Fortaleza*, yasmimholanda@hotmail.com

<sup>2</sup> *Universidade de Fortaleza*, daniel.camurca@unifor.br

<sup>3</sup> *Universidade Estadual do Ceará*, duartealanaraujo@hotmail.com

**RESUMO:** Busca-se com este artigo compreender a forma como são delineadas as mulheres na sociedade por meio da representação da personagem feminina nas Histórias em Quadrinhos dos *X-men*. Nas revistas em quadrinhos produzidas por Stan Lee e Jack Kirby, a personagem feminina é tratada como sujeito inanimado e fruto do desejo masculino. Essas revistas são produzidas para serem consumidas por um determinado público-alvo de jovens e adultos, o qual imerge em uma determinada realidade midiática, incorporando-a e atribuindo naturalidade a um passivo e cristalizado comportamento social feminino. As revistas analisadas apresentam uma única mulher na trama, a Jean Grey, integrante do grupo do X-men, liderada pelo Professor Charles Xavier, no qual possui pouca representatividade e é constantemente diminuída dentro de sua condição de gênero, além de ser objeto de disputada pelos personagens masculinos. O contexto das primeiras histórias mostra nos diálogos dos personagens a mulher como um ser reificado, sem ação e deslocada da realidade a qual é obrigada a enfrentar. No entanto, dentro da dinâmica jurídica pouco se observa ou analisa as implicações éticas e morais estabelecidas por essas revistas, que desagregam, na sociedade contemporânea, o valor das cidadãs como sujeito de direitos e detentoras de dignidade. A questão em evidência é problematizar a imagem feminina edificada pelas revistas no intuito de entender o significado da violência contra a dignidade da mulher. A metodologia utilizada é a análise de cenas das três primeiras revistas dos X-Men, que fazem parte da primeira série lançada, em 1963, que retrata as histórias dos mutantes como “heróis” na sociedade da época.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero, dignidade, objetificação, machismo, Histórias em Quadrinhos.



## 1. INTRODUÇÃO

A primeira revista da série foi lançada em setembro de 1963, editada pelo Stan Lee e desenhada pelo Jack Kirby, no qual ela retrata um grupo de jovens mutantes, inicialmente formada por Scott Summers, Warren Worthington III, Hank McCoy e Bobby Drake comandado pelo Professor Charles Xavier. Na revista o grupo já formado recebe mais um novo integrante para compor a equipe, a jovem Jean Grey, de codinome Garota Marvel. Juntos buscam salvar o mundo e combater outros mutantes que fazem parte da Irmandade, comandada por Magneto, que querem destruir a raça dos humanos.

A Garota Marvel foi a terceira heroína criada no Multiverso da Marvel pelo Stan Lee, a primeira heroína criada pelo editor foi a Susan Richards, conhecida como Mulher Invisível, na revista *The Fantastic Four*, número 1, em novembro de 1961 e a segunda foi a Janet Van Dyne, de codinome Vespa, na revista *Tales to Astonish*, número 44, em junho de 1963. Essas heroínas e mais outras foram criadas na década de 60, momento histórico importante, marcado pela segunda onda das lutas feministas. No qual elas lutavam pela igualdade de direitos, pela representação na sociedade e contra a

opressão das mulheres em todas as esferas da sociedade.

As revistas são obras do Stan Lee, que representa nas suas HQs o momento histórico em que ele viveu. Então, ao criar a Jean Grey e inseri-la em um grupo já formado predominantemente de mutantes do gênero masculino, ele tenta representar o momento histórico que ele viveu, no qual as mulheres se inserem nos ambientes antes predominantemente marcados pela presença masculina, conquistando voz e espaço na sociedade. Então, ao mesmo tempo em que as mulheres da classe média estão deixando de ser apenas do lar e estão conquistando o mercado de trabalho e direitos iguais, nas histórias em quadrinhos, especialmente da Marvel, elas deixaram de ser apenas as mocinhas que se apaixonam pelos heróis e estão virando as heroínas, que também podem combater o crime e os inimigos, lado a lado com os heróis.

Entretanto, apesar do autor conscientemente tentar criar heroínas, para acompanhar o momento histórico, ele não consegue alcançar os reais interesses e discursos das mulheres, pois ele é produto da sociedade que ele vive, patriarcal e machista. Assim, no decorrer do enredo das revistas dos X-men ele constrói a



imagem do gênero feminino como um ser frágil, recatado, infantilizado e objetificado, que sempre necessita da figura masculina a sua frente (ALTHUSSER, 1985).

Então, questiona-se como essas revistas, consideradas uma mídia, ao representar o gênero feminino como objetos sexuais frutos do desejo masculino, contribuem na perpetuação de comportamentos machistas, que ferem a dignidade da pessoa humana (ARAÚJO, 2014).

Nesse ímpeto, busca-se fugir da análise esquizofrênica de personagens inexistentes para avaliar, na realidade, a relação que se estabelece entre criador e obra, entre o Stan Lee e as revistas em quadrinhos. Leva-se em consideração que o autor é um homem de seu tempo, portanto, um produto social, um homem que reflete a ideologia de sua época, machista. Somente nesses termos que se faz possível uma análise jurídica. Mas, ao mesmo tempo em que se vale do Direito para pensar a relação entre autor e obra e a sociedade em que este autor se inscreve, também se pode pensar o Direito em si e sua aplicação, na medida em que se analisa o princípio basilar dos direitos humanos, que é a dignidade da pessoa humana, que no pensamento de Kant a doutrina jurídica encontra as bases de

fundamentação e de explicação do conceito, no qual sustenta que “O homem, e, duma maneira geral, todo ser racional, existe como um fim em si mesmo, não como meio para o uso arbitrário desta ou daquela vontade.” (SARLET, 2015, p.40).

O presente artigo demonstra como inovar no debate de questões sociais, tais como o machismo e suas consequências jurídicas, ao ter como metodologia a análise das três primeiras revistas em quadrinhos dos X-men, de 1963 e 1964, as quais tem grande aceitação por parte do público consumidor. Essas revistas serão utilizadas como fonte para identificar nos diálogos dos personagens e na forma como estes são desenhados, comportamentos machistas e representações que objetificam o gênero feminino.

## 2. O GÊNERO FEMININO: UM OBJETO VAZIO

A equipe dos X-men foi criada pela Marvel em 1963, e desde então, é um dos grupos de heróis mais conhecidos mundialmente no Multiverso Marvel pelos jovens e adultos. Com diversas histórias em quadrinhos lançadas, desenhos, animações e filmes, os X-men mantêm um público fiel de consumidores.

Assim, a capa da primeira revista, a qual foi lançada em 1963, o grupo de



jovens com super poderes, é uma das mais conhecidas pelo público.

Observa-se, primeiramente, a pesquisa a capa, onde aparecem todos os heróis integrantes da equipe e um dos seus maiores vilões, o Magneto. (LEE, 1963) Em primeiro plano é visível as bolas de neve lançadas pelo homem de gelo em direção ao magneto, para danificar o campo magnético criado por aquele. O personagem seguinte, mais próximo do leitor, é o Magneto se defendendo dos quatro super heróis masculinos dos X-men, que é desenhado de forma tal que possa ser visto pelo leitor, apesar dos seus poderes serem considerados invisíveis. (LEE, 1963)

Nos outros planos mais distantes do leitor, o Ciclope ataca o Magneto com o poder de projetar energia de seus olhos; o Fera, segurando um cabo de aço, pula em direção ao inimigo e o Anjo segurando uma barra de ferro, utilizando-a para desativar o campo magnético. Ou seja, todos os heróis posicionam-se em forma de ataque. (LEE, 1963)

No último plano, bem distante do leitor, a única personagem feminina, a Jean Grey, foi desenhada em pé com os braços abertos, com os olhos arregalados, sem ação, em posição defensiva, de forma secundária na luta, afastada e sem

usar seus poderes. A forma que a heroína é posicionada na luta a posiciona em último plano, alheia ao que está acontecendo, sendo pega de surpresa, sendo um contraste em relação à postura corporal dos heróis.

A personagem em questão foi criada pelo desenhista Jack Kirby, como uma mulher inanimada, apenas de enfeite, sem importância, parada como se fosse um objeto, no qual sua atuação na luta não tem valor, pois já tem quatro homens lutando e resolvendo o problema. Assim, mostra a imagem de uma mulher que não sabe o que fazer e como se comportar diante de uma luta, de um ambiente predominantemente masculino. Ela não sabe ser uma heroína, pois não está preparada para isso, então os homens devem lutar e ela, permanecer afastada, alheia a situação, apenas observando. (LEE, 1963)

Portanto, logo na capa da primeira revista dos X-men, os editores inserem Jean Grey como integrante do grupo de mutantes com super poderes, mas descontrolam a imagem dela como heroína, ao desenhá-la no fundo, longe de toda a luta, sem ao menos usar seus poderes telecinéticos, que poderiam ser usados a distância.

O machismo construído



socialmente impede que os criadores dos heróis no mundo das histórias em quadrinhos, criem heroínas autênticas, que atuem diretamente, que lutem contra o crime, como os heróis do gênero masculino. Isso tudo, sem serem desenhadas hipersexualizadas. Pois, os poucos exemplos de heroínas que realmente atacam e utilizam da sua força para lutar, são representadas de forma super sensual, com roupas extremamente coladas, acentuando as partes íntimas do seu corpo, para satisfazer as fantasias dos leitores do gênero masculino (ARAÚJO, 2014).

Outra cena que merece atenção é da revista número 1, de 1963. O professor Xavier anuncia aos seus alunos, a chegada de uma nova integrante, a primeira mulher do grupo dos X-men. O professor a descreve como “uma jovem muito atraente” (LEE, 1963, p.8).

Xavier não fala sobre as habilidades físicas e intelectuais ou sobre o seu poder e a importância da Jean para o grupo. Apenas argumenta de sua aparência, transmitindo a ideia de que apenas a beleza da mulher importa, pois é apenas isso que os homens criam expectativas a partir do gênero feminino. A da aparência da mulher em prol de suas habilidades. (LEE, 1963, p.8)

O conteúdo do gênero feminino, sua significação e importância são esquecidos, em prol da beleza e do seu corpo. A mulher é tratada como um ser oco. Embora, o professor Xavier conheça bem os poderes da Jean Grey, como ele fala na página posterior, dizendo que conhece bem os talentos dela, a mesma não recebe o reconhecimento devido de suas habilidades. (LEE, 1963, p.9)

Na mesma revista, número 1, analisando a imagem da página 10, a Jean Grey aparece sozinha nos últimos 3 quadros da página, nos quais ela demonstra o seu poder telecinético, sentada numa cadeira, enquanto movimenta um livro, o folheia e depois o guarda novamente. O único personagem presente nessa cena é Jean Grey, e mesmo assim ela não é colocada em primeiro plano.

Aparece em primeiro plano o livro, em segundo plano o seu poder, e só em terceiro plano é que aparece a mutante. O que chama mais atenção, é que até no momento que ela está demonstrando o poder, sozinha na cena, fica em terceiro plano. A estruturação dos objetos e dos personagens nas histórias depende de como o criador das histórias deseja destacar e chamar a atenção para o leitor. Normalmente quem aparece em primeiro plano, mais próximo do leitor ou no centro



da imagem, é quem o criador da revista quer destacar, por algum motivo (AUMONT, 2011).

O livro, ao aparecer em primeiro plano e o poder em segundo, mostra que o objeto é mais importante do que a personagem feminina. Pois, o livro tem conteúdo, ele ensina, com ele se aprende. O poder também é importante, é com ele que se combate os inimigos e só poucas pessoas tem a sorte de ter um poder – e como criação de um homem, é mais importante o poder do que a personagem, pois a personagem que tem o poder fica em terceiro plano, no fundo da imagem, invisível, enquanto o livro é o destaque da cena. A personagem feminina não tem conteúdo, ela não passa de uma mulher com um rosto bonito. E se ela tem algum conteúdo, não importa, pois é deixada em terceiro plano.

Jean fica em primeiro plano quando termina de usar o seu poder e o livro já foi guardado. A atenção, finalmente, é voltada para ela. Entretanto, a mutante aparece no primeiro plano de lado, não de frente. Essa análise é importante, pois em diversos momentos os personagens masculinos são desenhados e colocados de forma central nas cenas e sempre ativos. Poucas são as vezes que a Jean Grey aparece de forma central, normalmente ela é apresentada de forma passiva e recatada, como na

cena anterior, que ela usa o seu poder sentada numa cadeira. Enquanto, os mutantes do gênero masculino sempre estão usando seus poderes em pé, energéticos e em forma de ataque.

### 3. A DESPERSONALIZAÇÃO DA MULHER

Na revista X-men, número 3, de 1964, tem como enredo o Professor Xavier, o qual, por meio do seu poder, consegue sentir e localizar mutantes ao redor do mundo, nesse dia ele localiza um mutante nas proximidades da mansão dos X-men. Assim, envia sua equipe para procurá-lo e convidá-lo a se juntar ao grupo.

Os cinco X-men, Jean Grey, Scott Summers, Warren Worthington III, Hank McCoy e Bobby Drake vão à procura do mutante e o Scott é o primeiro a encontrá-lo, seguem-no até o *trailer*, onde ele está descansando, para conversar. O X-man questiona se o Blob conhece a equipe de mutantes, então o mutante responde com desdém “aqueles adolescentes babacas que usam uniformes cafonas?! Claro que sim, e daí?”. Scott diz que foi ao encontro do Blob para levá-lo até a base do grupo para os X-men conhecê-los e que não aceitaria um não como resposta. Isso faz com que o



Blob se irrita e manda o X-man embora.  
(LEE, 1964, p.9)

Nesse momento chega Warren, acompanhado da Jean Grey, se apresentando e apresentando-a, segurando-a pelos seus dois braços e colocando-a a sua frente dizendo “Ignore o meu tedioso amigo, Blob! Ele não conseguiria convencer uma pessoa se afogando a aceitar um salva-vidas! Mas eu e esta mocinha aqui, adoráramos levá-lo até os X-men!”. (LEE, 1964, p.9)

A análise da revista inicia-se por esta cena, na qual a mulher é colocada como um objeto para servir de convencimento a um homem na tomada de uma decisão, na medida em que os atributos que ela teria a oferecer seria a sua beleza e jovialidade. Ela é segurada pelos seus braços, impedindo-a que se movimente e colocada a frente do herói, no intuito de apresentá-la como um objeto de troca, caso o convite fosse aceito (ARAÚJO, 2014).

É importante destacar que nessa cena a mulher é disponibilizada como um objeto sexual de forma bem sutil, de difícil percepção pelos leitores. Pois, propositalmente ela é colocada nessa posição de objetificação pelo seu colega de equipe, além de que o mesmo é um anjo, bonito, de boa aparência, dificultando que os leitores julguem o ato do Anjo como

algo questionável (CHOMSKY, 2013).

Portanto, nessa simples cena, que poucos conseguem enxergar o intuito por trás dela, que é mostrar a mulher como um objeto, algo inanimado, sem vontade própria, que é conduzida por um homem e oferecida a outro como objeto. Um ser humano ao ser reduzido a um estado de objetificação e sem ter autonomia da vontade, está sofrendo um atentado a sua dignidade.

Na declaração de Direitos Humanos, logo no seu primeiro artigo, reconhece que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade, esse direito demonstra que resultam obrigações para com outros seres humanos e a estes deveres mínimos e análogos de proteção. Apesar dos questionamentos sobre o início e o fim da dignidade da pessoa humana, sabe-se que é repudiado toda e qualquer espécie de coisificação e instrumentalização do ser humano. (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, 2009)

Então, a cena descrita acima, apesar de ser pouco perceptível a coisificação da mulher, não significa sua insignificância, pois é repudiado qualquer ato atentatório a dignidade da pessoa humana. Sendo necessário repelir qualquer ato que atente a dignidade humana, para impedir que



posteriormente essa violência contra a dignidade do gênero feminino evolua e aconteça um crime.

Retomando a cena, após, o Warren fazer essa proposta ao Blob utilizando a Jean Grey como objeto de troca, o Blob a agarra pelo braço e fala “Ora, ora! Agora cê tá falando a minha língua! Se essa gracinha aqui for sentada no meu colo, vocês podem me levar numa boa”. (LEE, 1964, p.9)

Somente, após essa resposta dada pelo Blob é possível perceber com mais ênfase a forma como a Jean Grey foi tratada, como um objeto sexual para satisfazer as vontades do gênero masculino e ainda servir como prêmio por ele aceitar conhecer os X-men.

Somente nessa cena a violência contra a dignidade do gênero feminino é mostrada de forma mais clara pelos criadores da revista, pois ele segura os braços da Jean Grey e na sua fala é mais enfático o fato dele considerá-la um objeto para satisfazer suas vontades. Os editores da revista, ainda dão mais clareza a essa violência, quando colocam o Blob como violentador que é um jovem gordo, que fuma charruto, sem blusa e fora dos padrões estéticos construídos pela sociedade ocidental. Mostrando nessa cena, mais um problema na construção da violência contra mulher, no qual

se o homem for bonito, loiro e musculoso como o Anjo, ao colocá-la na posição de um objeto, não é uma agressão.

Nota-se que inicialmente um ato que poucos veriam como uma violência psicológica, moral e física a mulher, evoluiu para um ato mais perceptível de agressão contra o gênero feminino. É demonstrado com clareza o homem vendo a mulher como um objeto sexual, ao querer colocá-la no colo, em contato com a sua genitália.

Só após esse ato mais evidente de desrespeito a Jean, é que o Scott e o próprio Warren, que iniciou o desrespeito a ela, quando a apresentou como um objeto, se irritam, e vão à defesa da Jean Grey. Scott ataca o Blob e o joga longe. (LEE, 1964, p.9)

É evidente mais uma vez a mulher tratada como um ser inanimado. Primeiramente, ela é conduzida por um homem, é agredida por outro, depois é defendida por um terceiro. O criador da revista, nesse momento, esquece que a Jean Grey é uma heroína, tão forte quanto os heróis. Ou seja, ela poderia se defender, tomar controle da situação, ter voz e dizer o que não quer que aconteça. Entretanto, o gênero feminino é retratado como um ser sem voz, inanimado e sem vontade própria, ela fica calada, subjugada, enquanto os





homens, que são os verdadeiros heróis e sabem o que é melhor para ela, resolvem a situação.

Por fim, Jean Grey vai à defesa do Blob, ajudando-o a levantar e dizendo que o Scott não precisava ter sido tão duro com ele e que tinha certeza que o Blob não queria machucá-la. O Blob, em sua defesa, diz que é apenas um cara grande engraçadinho. (LEE, 1964, p.10)

Essa cena mostra claramente, que no único momento que é dado a ela o direito de falar, se mostra ingênua, excessivamente gentil e caridosa, tanto que a personagem é infantilizada muitas vezes, como no começo da cena ao ser chamada de “mocinha”. Portanto, uma mulher assim como uma criança não pode se defender, então ocorre aqui a reafirmação da necessidade da figura masculina na vida de uma mulher, para defendê-la, pois ela por si só não sabe se defender, não sabe quando está em perigo, mesmo que essa mulher seja uma heroína, pois toda mulher é inocente, e só o homem sabe os perigos da vida. Entretanto, fica um questionamento, como o homem pode defender a mulher, se ele é o agressor?

O autor do texto, também tenta minimizar a imagem do agressor, quando a vítima o defende e ao mesmo tempo diz que é só um cara grande engraçadinho. Mostrando que “cantar” e segurar

no braço de uma mulher sem autorização dela não é algo tão grave, quando a própria mulher não considera uma agressão.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebe-se que, primeiramente, as revistas em quadrinhos dos X-men, de autoria do Stan Lee, transmitem uma imagem de mulher que parte da visão machista do autor e, por isso ferindo a dignidade humana da própria, na medida em que a coloca como objeto de homens, retirando seus direitos e sua autonomia. E hoje, mesmo com o ganho inequívoco de direitos para as mulheres, o machismo continua em vigor na sociedade, ainda que ele se apresente de forma invisível. (CHOMSKY, 2013)

Por outro lado, o presente artigo se coloca enquanto proposta de inovação para o estudo do Direito, retirando sua aparente autonomia em relação às questões sociais, o que só acentuaria sua força conservadora de manutenção do *status quo*, e faz com que retome a discussão a partir de fontes diversas, para o meio jurídico, mas válidas, na medida em que as revistas são um importante reflexo da sociedade e que, enquanto produto de consumo, influência uma quantidade significativa de consumidores.

Dessa forma, repensar o ensino



jurídico envolve repensar a hermenêutica jurídica e colocar no centro de suas análises, não mais a norma em si, mas o próprio Direito, na medida em que, sendo ciência ou não, assume um relevante papel social, modificando mentes e ações, além do próprio receber influências de outras áreas, tais como a econômica e a comunicação. O Direito, na sua prática, não se depara apenas com questões estritamente jurídicas, mas também morais, políticas, econômicas e sociais, assim como midiáticas, sendo papel do operador do Direito levantar discussões sobre tais questões.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)*. Tradução Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro; introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. 2ªed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ARAÚJO, Angela Maria Carneiro; PRA, Jussara Reis. *Apresentação*. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 43, p. 7-12, dez. 2014. Disponível em

<<http://www.scielo.br/scielo>>. acessos em 22 abr. 2016.

AUMONT, Jacques (et al). *A estética do filme*. 9ª Edição. Campinas: Papirus, 2011.

CHOMSKY, Noam. *Mídia. Propaganda política e manipulação*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

*DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS*. Online. 2009.

Disponível em: <[www.dudh.org.br](http://www.dudh.org.br)>. Acesso em: 15/03/2016.

LEE, Stan. *Os X-men: X-men*. Tradução Eduardo Sales Filho. Nova York: Marvel Comics Group, 1963.

\_\_\_\_\_. *Os X-men: Ninguém pode deter o Vanisher*. Tradução Eduardo Sales Filho. Nova York: Marvel Comics Group, 1963.

\_\_\_\_\_. *Os X-men: Cuidado com o Blob*. Tradução Eduardo Sales. Nova York: Marvel Comics Group, 1964.

SARLET, Ingo Wolfgang. *Dignidade (da Pessoa) Humana e Direitos Fundamentais na Constituição Federal de 1988*. 10ª Edição. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral*. Tradução Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2009.